



QUIPROQUÓS E DESENCONTROS: O DUPLO EM A COMÉDIA DOS ERROS, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Fabrcio Batista Borges¹

Resumo: A pea teatral *A comédia dos erros* foi publicada pela primeira vez em 1623 e, segundo estudiosos, é um dos primeiros textos dramáticos escritos por William Shakespeare. O presente artigo tem por objetivo realizar um estudo sobre a figuração do duplo na pea e analisar a forma como o dramaturgo inglês utiliza dois pares de gêmeos para trabalhar questões que ainda permanecem atuais, como a procura por uma identidade própria e a construção de um ser autônomo, capaz de se distinguir dos demais, com sentimentos e paixões próprias, de forma heterogênea e com desejos únicos.

Palavras-chave: Teatro; Duplo; Shakespeare.

Introdução

A pea teatral *A comédia dos erros* foi publicada pela primeira vez em 1623 e, segundo estudiosos, é um dos primeiros textos dramáticos escritos por William Shakespeare e também o mais curto do autor. A data de sua composição é hipotética – entre 1584 e 1592 – e a primeira encenação do espetáculo foi realizada em dezembro de 1594 como celebração de natal de estudantes de Direito em Londres.

Sabe-se que Shakespeare é considerado um dos maiores escritores e dramaturgos de língua inglesa e da literatura universal. Suas peas foram traduzidas para diversos idiomas e são as mais encenadas no mundo inteiro. O autor de *Romeu e Julieta* escreveu cerca de trinta e oito peas, além de poemas (sobretudo sonetos). As questões evocadas em seus escritos são consideradas atemporais e, constantemente, são revisitadas e formatadas em outras mídias como, por exemplo, o cinema e a televisão.

Segundo uma das maiores pesquisadoras no Brasil da obra de William Shakespeare, Bárbara Heliadora, o dramaturgo foi um cidadão inglês que viveu de 1564 a 1616, produto de

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: borgesproducer@gmail.com



determinada sociedade, de determinado tipo de visão e processo de educação, produto de precário mas fascinante equilíbrio entre a herança medieval, a redescoberta da antiguidade, as descobertas de novos mundos geográficos e científicos, as perplexidades religiosas da Reforma e da Contra-Reforma e as aberturas do humanismo, para mencionar apenas alguns dos elementos que tornavam o mundo de Shakespeare ricamente conflitivo, com fantásticas possibilidades dramáticas. (HELIODORA, 1997, p. 7).

Em *A comédia dos erros*, Shakespeare tem como inspiração a comédia *Os menecmos*, do dramaturgo romano Plauto (230 a.C. - 180 a.C.). Para estudiosos da obra do dramaturgo inglês, essa é uma peça de aprendizado em que o autor busca seguir os exemplos de clássicos que foram consagrados através dos tempos. Em ambas as histórias, têm-se irmãos gêmeos que são separados na infância e, quando adultos, um dos irmãos sai à procura do outro.

Na peça *Os menecmos*, o irmão solteiro viaja pelo mundo na busca de seu irmão perdido. Eles se reencontram, mas o outro irmão – casado com uma megera – resolve voltar para a cidade de origem após saber da riqueza do irmão que foi à sua procura. A história desta peça é voltada para o riso por meio da exploração de enganos, sem espaço para questões que permitam qualquer tipo de reflexão.

De certa forma, Shakespeare reproduz o enredo da peça de Plauto, mas introduz novos elementos criativos que alteram o tom grotesco das personagens de *Os menecmos*. A começar pela separação de dois pares de gêmeos idênticos em um naufrágio. O divertido da peça está em que o público/leitor tem conhecimento deste quiproquó armado e as personagens ignoram completamente a existência desta informação. Além disso, a peça de Shakespeare, ao contrário da de Plauto, leva o leitor/espectador, para além de dar boas risadas, também a refletir sobre determinados assuntos que serão vistos posteriormente.

De acordo com Heliadora, com a duplicação dos gêmeos – dois Antífolos e dois Drômios –, Shakespeare “pode elaborar com maior eficiência todo um jogo dramático em torno da ideia de aparência e realidade, aliás um dos temas de que se ocupará ao longo de toda sua carreira” (HELIODORA In SHAKESPEARE, 2011, p. 9). Desse modo, em *A comédia dos erros* há um trabalho mais elaborado em torno da questão do duplo.

A confusão causada pelos pares de gêmeos e a ameaça que o pai Egeu vive por estar em uma terra proibida à procura de sua família leva a dramaturgia de Shakespeare a



problematizar algumas questões importantes. Algumas dessas questões, por exemplo, é a perda de identidade quando um membro é separado de seu núcleo familiar e distanciado da cultura cuja família está inserida, bem como o reequilíbrio desta condição dentro do meio social assim que esta dificuldade é transposta.

Afinidades e diferenças

As histórias dos gêmeos de Plauto e Shakespeare provocam algumas possibilidades de análises entre aproximações e distanciamentos entre os dois autores. É óbvio que séculos os separam, mas a fascinação pelo tema de pessoas idênticas é algo que despertou a curiosidade ao longo dos tempos e nos permeia até hoje.

Em *Os menecmos*, a história está centrada nos gêmeos Menecmo e Sóscles, filhos de um pai comerciante de Siracusa que, ao fazer uma viagem, leva um dos gêmeos, Menecmo, que é sequestrado. Sóscles, então, tem seu nome trocado em homenagem ao do irmão desaparecido. Quando ele se torna adulto sai à procura do irmão desaparecido e o encontra em Epidano. Nesta cidade todos o confundem, o que gera vários episódios cômicos, em especial os que envolvem o sogro e a mulher de Menecmo, que o classificam como louco.

Plauto escreveu peças que se inserem na fábula conhecida como *palliata*. A fábula *palliata* é um tipo de gênero teatral da comédia latina, mas com argumentos gregos como, por exemplo, os ambientes e personagens. Ademais, também fazem referências aos costumes e tradições da Grécia. *Palliata* advém da palavra *pálio*, que nada mais é que o tradicional vestido usado pelos gregos durante as apresentações teatrais.

As personagens da fábula *palliata* se caracterizam pela rusticidade e pelo comportamento clichê, tais como: a velha que reclama da senilidade e das dores que sente pelo corpo; o escravo inconformado com a sua condição e tenta a todo custo ludibriar o seu dono; a meretriz que busca ocupar o lugar da esposa do amante e alcançar visibilidade social.

Apesar da distância secular entre as duas peças, encontram-se algumas semelhanças no teatro elisabetano como a forma caricatural e satírica de se apresentar e também na composição de algumas personagens como o criado que, em geral, é um astuto jogador e



responsável por promover todas as intrigas do enredo. Segundo o professor francês Patrice Pavis:

O criado é uma personagem muito frequente da comédia desde a Antiguidade até o século XIX. **Definido de imediato por seus status social e sua dependência de um amo**, o criado encarna as relações sociais de uma época específica da qual ele rapidamente se torna barômetro e figura de proa: se é socialmente inferior ao patrão, seu papel dramático é geralmente capital. **Sua função na peça é, portanto, dupla**: ajudante ou conselheiro do patrão, e às vezes **senhor absoluto da intriga**. (PAVIS, 2011, p. 80, grifo meu).

Outra característica que aproxima os dois textos dramáticos é a sua estrutura, visto que ambos estão divididos em cinco atos. Em Plauto, tem-se um prólogo que introduz o leitor situando-o no passado da história até o presente da ação. Shakespeare também faz um movimento parecido ao narrar o que aconteceu no diálogo do primeiro ato entre Egeu e Solinus. Além disso, as duas histórias estão ambientadas na mesma cidade: Epidano. Um lugar conhecido por ser habitado por bruxas, vilões, aproveitadores e desonestos.

O teatro elisabetano compreende o período entre a segunda metade do século XVI (1558) até o início do século XVII (1603) e trata-se de uma época profícua e importante para o crescimento das artes cênicas. O teatro estava voltado para todas as classes, desde o camponês até o aristocrata, e assume um papel fundamental de entretenimento e educação das classes menos abastadas e as ascendentes. Os temas circundavam em conteúdos oriundos da história da Inglaterra, bem como os autores trabalhavam em assuntos que deviam satisfazer gostos diversos. Além disso, não havia uma separação entre o teatro clássico e o popular, entre o trágico e o cômico.

Percebe-se, pois, que essa mistura de uma história trágica levada à comicidade está presente em *A comédia dos erros*. Um naufrágio separa a família do comerciante Egeu, que passa os dias a procurar seus entes queridos quando, já sem esperanças, é detido em Siracusa e, prestes a morrer, tem a notícia de que seus filhos estão vivos. Tudo acontece em um dia apenas, e é interessante ressaltar este detalhe, pois a unidade de tempo é preservada nesta



primeira peça de Shakespeare, ao contrário das suas peças seguintes que quebram a regra das unidades de tempo e espaço, que serão características próprias da sua escrita.

A presença do duplo

Nas mitologias, a presença de gêmeos sempre provocou curiosidade e medo pela existência de dois seres completamente iguais na aparência física. Há registros de fábulas que lidam com este tema em quase todas as sociedades, visto que “dois personagens dotados de identidade própria e sustentando uma subjetividade autônoma, apresentam perfeita semelhança física e, às vezes, até comportamental, a ponto de dificultar a sua identificação” (SANTOS, 2009, p. 68).

De acordo com um breve parâmetro feito por Laura Marisa Rodrigues Machado, no ocidente, “também os gregos representaram os gêmeos na Mitologia, sendo os irmãos Dióscoros – Castor e Pólux – os mais famosos” (MACHADO, 2010, p. 22). Existem várias versões desse mito, ainda conforme Machado (2010), uma delas é que Leda, esposa do rei de Esparta, tem um filho com Zeus e outro com o marido. Pólux era imortal, e seu irmão Castor mortal e, mesmo filhos de pais diferentes, desenvolvem uma terna amizade e tornam-se inseparáveis. Castor especializou-se em domesticar cavalos e Pólux tornou-se um excelente lutador. A mais famosa aventura dos dióscuros foi a disputa com os gêmeos da Messênia, Idas e Linceu, seus primos. Castor e Pólux sequestraram as noivas dos primos na véspera do casamento por terem se apaixonado pelas moças.

Na disputa, Castor foi morto por Idas e Pólux matou Linceu, mas ficou ferido. Idas atacou então Pólux, mas foi fulminado por Zeus, que desceu do Olimpo e contou a Pólux que ele era seu filho e, portanto, imortal e Castor era apenas filho de Týndaro, sendo assim, mortal. O jovem então suplicou ao pai que não o separasse do irmão. Zeus, comovido com a fraternidade dos dois, estabeleceu que Pólux dividiria sua imortalidade com o irmão e então eles passariam um dia juntos no Hades e o outro no Olimpo. Para celebrar o amor fraterno dos dois, Zeus decide transformá-los na constelação de gêmeos, e assim nunca mais se separariam, nem mesmo com a morte.



Além deste mito, existem outros exemplos de casos de gêmeos em fábulas e histórias contadas ao longo dos tempos. Na Bíblia, por exemplo, há a passagem, no livro de Gênesis, dos irmãos Esaú e Jacó, filhos de Isaque e Rebeca. O caso de gêmeos, portanto, é um tema bastante recorrente e vista por diferentes prismas, como observa a psicanalista Ada Morgenstern:

Desde os primórdios da humanidade, crianças gêmeas ocupam um lugar na cena enigmática da origem e da condição humana. Lugar este também marcado pelo fascínio e, ao mesmo tempo, pelo horror que despertam. [...] Além de protagonistas nos mitos, verificamos que em algumas culturas, os gêmeos são vistos como dádivas divinas ao passo que em outras, emissários de desígnios trágicos. (MORGENSTERN, 2010, p. 1-2).

Em relação às figurações do duplo na literatura, Nicole Fernandez Bravo (2000) explica que uma das primeiras designações do duplo em um texto literário é o *Alter ego*. E foi nas comédias escritas por Plauto que surgem os “menecmas” e chocam pela semelhança de uma em relação à outra, provocando dúvida e engano. Até o século XVI tem-se a permanência do mito literário do duplo, que representa o homogêneo, o igual.

De acordo ainda com Bravo, “a semelhança física entre duas criaturas é usada para efeitos de substituição, de usurpação de identidade, o sócio, o gêmeo é confundido com o herói e vice-versa, cada um com sua identidade própria” (BRAVO, 2000, p. 263). Entretanto, com as ideias iluministas e o homem como o centro do mundo, o duplo também é transformado, tem-se uma representação heterogênea, “uma divisão do eu chegando à quebra da unidade (Século XIX) e permitindo até mesmo um fracionamento ao infinito (século XX)” (BRAVO, 2000, p. 264).

Apesar das divisões entre o duplo, alguns aspectos permanecem comuns entre o homogêneo e o heterogêneo, entre eles: a procura pela identidade. A questão “quem sou eu?” talvez seja a que perpassa entre essas divisões criadas por Nicole Bravo. Na fala do personagem de *A Comédia dos erros*, Antífolo de Siracura, é perceptível a procura pelo eu, ou pela outra metade que era seu complemento:



Antífolo de Siracusa: Quem me deixar às minhas alegrias, deixa-me àquilo que não posso ter; eu sou qual gota d'água no oceano, que no oceano busca uma outra gota, e ao mergulhar bem fundo na procura (ainda sempre buscando) se perdeu. Pois também eu, buscando mãe e irmão, sem encontrá-los, sinto-me perdido. (SHAKESPEARE, 2011, p. 21).

À procura do irmão, Antífolo de Siracusa busca a sua própria identidade, que se perdeu no passado trágico de sua família. A sua outra parte, seu complemento, é o que falta para sua felicidade. O encontro se dará em uma cidade conhecida por toda a sorte de feitiçarias e, como em um encanto mágico, todas as personagens passam por uma espécie de confusão mental, inclusive os próprios gêmeos que chegam a duvidar da própria identidade.

Otto Rank esclarece alguns aspectos necessários para a compreensão da história dos irmãos separados na infância e introduz a ideia da manifestação do duplo presente em temas que envolvem gêmeos:

O tema dos irmãos não é apenas a raiz da crença no duplo, mas somente uma interpretação – embora bem determinada – do primeiro significado não-duvidoso e puramente subjetivo do duplo. Esse significado não é suficientemente explicado na constatação psicológica que o “conflito mental cria o duplo”, o que corresponde a uma “projeção do conflito interno” e sua realização, uma libertação interior, que traz consigo um alívio, embora à custa do “medo do confronto”. “O medo cria, a partir do complexo do ego, o assustador espectro do duplo”, que torna reais os desejos secretos e sempre reprimidos de sua alma”. (RANK, 2013, p. 128).

Esse aspecto ilusório presente na trama shakespeariana – contudo, sempre claro para o espectador – é parte do jogo proposto pelo dramaturgo inglês, que gera uma confusão entre a realidade e ilusão nas personagens. A verdade aparece como um engano, e provoca uma crise de identidade social e uma verdadeira instabilidade do real. A sanidade mental dos pares de gêmeos é colocada à prova e a feitiçaria é usada para explicar tais acontecimentos misteriosos na cidade. O diálogo entre Drômio de Siracusa e Luciana, a esposa de Antífolo de Éfeso, explicitam como os gêmeos chegam a acreditar na mudança mágica que sofreram ao chegar na cidade:



Drômio de Siracusa: Mas que loucura! Que angu de carço! Esta terra parece enfeitada! Não se isso é demônio ou se isso é fada! Se eu não vou logo, vai dar bode nisso! Eu não quero brincadeira com feitiço!

Luciana: O que é isso? Quer parar de resmungar? Seu cretino, não conhece o seu lugar?

Drômio de Siracusa: Patrão, será que hoje eu mudei tanto?

Antífolo de Siracusa: Eu também; nós mudamos por encanto.

Drômio de Siracusa: Eu sinto que estou todo transformado. (SHAKESPEARE, 2011, p. 36).

Antífolo e Drômio de Siracusa assumem as identidades de seus irmãos, mas neste caso, trata-se de uma usurpação involuntária, devido à confusão geral na cidade. Eles recebem dinheiro e uma joia que seria para o irmão e acreditam estar em um lugar, apesar de estranho, cheio de pessoas boas e amigáveis, e mesmo acreditando em bruxarias eles sentem prazer no cortejo dos cidadãos de Éfeso.

Outra questão pertinente que vai além do estudo do duplo homogêneo e está presente nas obras de Shakespeare é ideia de opostos, como luz e sombra, amor e ódio que são confrontados e promovem a tensão dramática em seus textos. As irmãs Luciana e Adriana são exemplos dessa dualidade de comportamentos, sendo uma o oposto da outra. Enquanto Adriana é ciumenta e age com energia buscando justiça e vingança do marido que a engana, a sua irmã, Luciana, mostra-se o contrário, com docilidade e temperança. Trata-se, pois, de um artifício muito usado pelo dramaturgo para desenhar o comportamento das personagens nessa peça.

Considerações finais

Shakespeare duplica as possibilidades, por meio dos dois pares de gêmeos mostra como é possível, através de uma situação aparentemente cômica, tratar de assuntos de relevância para a sociedade inglesa da época. O teatro era um importante meio de difusão cultural e de conhecimento. O período elisabetano foi um momento de transição entre o feudalismo e o capitalismo, sendo, portanto, o germe do homem moderno que nasce ali, nas peças shakespearianas.



A *comédia dos erros* é uma peça de confusões e desencontros, uma família inteira é separada após um acidente marítimo e, após essa catástrofe, todos se perdem de alguma maneira. O encontro acontece somente no último ato, após cada um percorrer seu percurso e aprender a lição que a vida lhes proporcionou. Heliodora assim avalia a peça:

É tornando a trama de Plauto bem mais complicada pelo uso de seus dois pares de gêmeos, que Shakespeare encontra seus divertidos meios de expressar tudo aquilo que estava pensando ao conceber a obra; mas o fato é que, desde esse possível primeiro esforço, é indispensável que tenhamos consciência de que não podemos nos deixar enganar a ponto de julgarmos que só porque uma peça é divertida isso queira dizer que ela tem que ser privada de matéria de reflexão. (HELIODORA In SHAKESPEARE, 2011, p. 9).

Apesar de todo o quiproquó, a peça tem um final feliz, com o esclarecimento das confusões e os reencontros dos pares apaixonados. Contudo, o drama levanta algumas questões importantes e até mesmo muito atuais como, por exemplo, as considerações sobre a condição feminina, a relação entre empregado e patrão e a forma de uma administração voltada para a justiça e compaixão.

Shakespeare, desse modo, antecipa um tema pertinente e que ocupa grande parte das produções literárias e teatrais modernas, que é a procura por uma identidade própria. Essa busca pela construção de um ser autônomo, capaz de se distinguir dos demais, com sentimentos e paixões próprias, de forma heterogênea e com desejos únicos.

Referências

BRAVO, Nicole Fernandez. “Duplo”. Pierre Brunel, org.. Dicionário de mitos literários. Trad. Carlos Sussekind et al. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2000. p. 261-288.

COMMELIN, Pierre. *Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 1997.



MACHADO, Laura Marisa Rodrigues. *Os gêmeos – a história e a ciência*. 2009/2010. 32 fls. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) – Instituto de ciências biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/53370/2/Gmeos%20%20A%20Histria%20e%20a%20Cincia.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

MORGENSTERN, Ada. Do imperativo da reprodução assistida à contingência da humanização. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E X CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo: PUC-SP, 2010. p. 1-6.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RANK, Otto. *O Duplo: um Estudo Psicanalítico*. Trad. Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SANTOS, Adilson. Um périplo pelo território do duplo. *Investigações*, Pernambuco, v. 22, p. 51-101, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.22.N1/Investigacoes-Vol22-N1-artigo02-Adilson-dos-Santos.pdf>> . Acesso em: 10 dez. 2014.

SHAKESPEARE, William. *A comédia dos erros*. Tradução e prefácio de Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.